

**“O QUE QUE NÓI VAMO FALÁ?”: SIGNIFICADOS SOCIAIS NA  
VARIÇÃO/MUDANÇA DA EXPRESSÃO DE 1ª PESSOA PLURAL EM  
DUAS COMUNIDADES RURBANAS MINEIRAS**

**“O QUE QUE NÓI VAMO FALÁ?”: SOCIAL MEANINGS IN THE  
VARIATION/CHANGE OF THE 1st PERSON PLURAL EXPRESSION  
IN TWO “RURBAN” COMMUNITIES IN MINAS GERAIS**

Letícia Gaspar Pinto (UNESP-FCLAr)

[leticia.gaspar@unesp.br](mailto:leticia.gaspar@unesp.br)

<https://orcid.org/0000-0001-7421-0172>

Rosane de Andrade Berlinck (UNESP-FCLAr)

[rosane.berlink@unesp.br](mailto:rosane.berlink@unesp.br)

<https://orcid.org/0000-0003-3420-5541>

**RESUMO:** *Este estudo analisa, com base na Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 e LABOV, 1972, 1994, 2001), a variação/mudança na expressão da 1ª pessoa do plural no falar de duas cidades vizinhas, Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG, que se caracterizam como comunidades rurbanas (BORTONI-RICARDO, 2004). Constatamos que o processo não segue as tendências gerais já atestadas em grandes centros urbanos: a gente não se apresenta como a variante dominante, nem está mais presente na fala dos mais jovens. Esse cenário se correlaciona com o conjunto específico de variantes (nós, nós, nói, a gente) presentes no falar dessas comunidades e com os significados sociais vinculados localmente a essas formas: ruralidade (nói e nós) e urbanidade (a gente), acessados por meio de um questionário de reações subjetivas.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *pronomes de primeira pessoa do plural; significados sociais; comunidades rurbanas; variação e mudança linguísticas.*

**ABSTRACT:** *This study analyses, based on the Theory of Language Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 e LABOV, 1972, 1994, 2001), the variation/change in the expression of the 1st person plural in the speech of two neighboring cities, Cabo Verde-MG and Muzambinho-MG, which are characterized as rurban communities (BORTONI-RICARDO, 2004). The process does not follow the general trends already attested in large*

*urban centers: a gente is not the dominant variant, nor is it more present in the speech of younger generations. This scenario is correlated with the specific set of variants in use (nós, nós, nós, a gente) in the speech of these communities, as well as with the social meanings locally linked with these forms: rurality (nói and nós) and urbanity (a gente), accessed through a questionnaire of subjective reactions.*

**KEYWORDS:** *first person plural pronouns; social meanings; rural communities; language variation and change.*

## **1 Introdução**

Nos últimos trinta anos, a alternância entre as formas pronominais de 1ª pessoa do plural, objeto de análise deste trabalho, tem sido amplamente investigada no português brasileiro em diferentes regiões do país (VIANNA e LOPES, 2015). De um modo geral, esse fenômeno pode ser caracterizado como uma mudança linguística em progresso, visto que o processo de substituição de *nós* por *a gente* está em um estágio bastante avançado em algumas localidades do Brasil, sendo liderado, majoritariamente, por jovens, mulheres e pessoas com um maior nível de escolaridade (VIANNA e LOPES, 2015; FREITAG, 2016).

Segundo Vianna e Lopes (2015), os diversos estudos sobre a variável em questão analisaram, sobretudo, o comportamento linguístico das capitais brasileiras, deixando em segundo plano a análise de municípios interioranos, com exceção da região Sul, em que tal variação já foi descrita no interior dos três estados. No entanto, para que tenhamos uma visão completa desse fenômeno, faz-se necessário investigar mais a fundo comunidades que estão fora dos grandes centros urbanos nas demais regiões do Brasil, como aquelas presentes em áreas rurais ou *rurbanas*<sup>1</sup> (BORTONI-RICARDO, 2004).

Tais comunidades tendem a se caracterizar por práticas sociais distintas dos espaços fortemente urbanizados: redes sociais mais densas, sentimento de compadrio, participação em atividades comunitárias (festas, eventos religiosos, associações desportivas) e a prática de solidariedade mútua (CANDIDO, 2017 [1964]; BORTONI-RICARDO, 2011; PICINATO, 2018). Assim, considerando a relação inerente e inescapável entre língua e sociedade, temos

---

<sup>1</sup> Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 52), os grupos que estão situados em áreas *rurbanas* são “[...] formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidos à influência urbana seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária”.

que hipotetizar possíveis diferenças no modo como fenômenos variáveis se apresentam em comunidades menos urbanizadas.

Tendo isso em vista, este estudo analisa, com base na Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 e LABOV, 1972, 1994, 2001), a variação na expressão da 1ª pessoa do plural no falar de duas cidades vizinhas: Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG, as quais estão localizadas no sudoeste do estado de Minas Gerais, próximas ao interior paulista. De acordo com o IBGE (2010), esses municípios apresentam uma baixa concentração populacional, de 13.823 habitantes e 20.430 habitantes, respectivamente.

Além disso, devido às condições geográficas e climáticas dessa região, a principal atividade econômica desenvolvida, desde o século XIX, é a cultura do café (CARVALHO, 1998), o que faz com que a maioria da população dependa direta ou indiretamente da valorização desse produto. Em consequência disso, Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG estão ainda muito ligadas ao campo, apresentando alguns traços rurais que parecem se refletir na variedade linguística falada pelos seus moradores. Levando isso em consideração, pode-se dizer que elas são áreas *rurbanas* (BORTONI-RICARDO, 2004).

É importante destacar que, embora essas cidades sejam próximas (estão a 24 km de distância) e compartilhem traços de ruralidade, há algumas diferenças entre elas que se evidenciam no seu grau de urbanização (DIAS, 2021): em 2010, 45% dos cabo-verdenses ainda moravam no campo, ao passo que apenas 23% dos muzambinhenses viviam nesses locais (IBGE, 2010). Outro aspecto que ilustra tais diferenças é a estrutura educacional desses municípios, pois Muzambinho-MG, ao contrário de Cabo Verde-MG, possui escolas particulares de ensino básico e uma instituição de ensino superior pública. Através da análise desses parâmetros, considera-se que Cabo Verde-MG é uma cidade menos urbanizada do que Muzambinho-MG.

Desse modo, a escolha por esses municípios como lugares a serem pesquisados justifica-se pela necessidade de compreender como se dá a implementação da mudança em comunidades menos urbanizadas: a questão que nos colocamos é se o comportamento linguístico dessas localidades se assemelha ou não ao dos grandes centros urbanos, em que a variante *a gente* é mais utilizada pelos jovens, enquanto *nós* é mais utilizada pelos mais velhos (OMENA, 1986; LOPES, 1993; MENDONÇA, 2010; RUBIO, 2012).

Apesar de esse fenômeno já ter sido estudado extensivamente na Sociolinguística brasileira, ele apresenta características peculiares nessa região. Notamos que, além da variação morfossintática entre *nós* e *a gente*, ocorre uma variação fonológica, haja vista que os

indivíduos também utilizam as variantes *nóis* e *nói* (PINTO, 2019, 2022). Em uma primeira etapa da análise, investigamos, então, a variação entre *nós* e *a gente* na posição de sujeito, classificando as variantes fonológicas como *nós*. Já em um segundo momento, para compreender melhor os padrões de uso dessas cidades, analisamos as quatro formas pronominais (*nós*, *nóis*, *nói* e *a gente*), que podem variar em um mesmo contexto, sendo, portanto, formas concorrentes. Tais variantes estão presentes nos trechos a seguir<sup>2</sup>:

- 1) Apesar que eu acho que a internet/ ela\ vamô dizê assim/ ela contaminô demais a nossa humanidade hoje/ mas/ infelizmente/ eu acho que houve uma mudança pra pior e muito grande/ muito acentuada/ uma mudança onde **nós trocamos** os valores pelo consumo/ antes as famílias ensinavam valores/ hoje as famílias ensinam a consumi (MZ, M, F2, ES)
- 2) É/ o oto mora\ os dois otos mora lá em cima/ então mora tudo pertinho da gente/ tá todo dia junto/ então/ se fô **pra gente mudá** e ficá mai longe/ é ruim, né?! (CV, F, F3, SES)
- 3) Não/ **nói num pensamo** nisso mai não/ já pensamos antes voltá pa N. R./ hoje/ num tem esse pensamento não/ **nóis pretendemo terminá** nossos úrtimos quarenta ano de vida aqui em Muzambinho (MZ, M, F3, ES)

Analisando essas formas, percebe-se que *nós* sofreu um processo de ditongação, resultando em *nóis*, cujo uso já está consolidado no português brasileiro (HORA e AQUINO, 2012). Por sua vez, essa variante ditongada possivelmente sofreu a supressão de /S/ em coda, gerando a forma *nói*. Consoante às ideias de Amaral (1976 [1920]), o apagamento da sibilante final em lexemas é um dos traços típicos do falar caipira; por isso, temos a hipótese de que, nas cidades analisadas, *nói* pode indicar, entre outros traços, o valor de ruralidade.

Neste artigo, o nosso principal foco é compreender se e como está ocorrendo o processo de mudança na expressão da 1ª pessoa do plural no falar de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG, em uma possível correlação com os significados locais das formas em variação, os quais foram identificados por meio de um questionário de reações subjetivas. Sendo assim, traremos uma síntese dos resultados desse questionário e, em seguida, apresentaremos a distribuição

---

<sup>2</sup> Após cada trecho, há uma legenda com as características sociais do falante: o local de nascimento, Cabo Verde-MG (CV) ou Muzambinho-MG (MZ); o sexo, feminino (F) ou masculino (M); a faixa etária, dividida entre faixa etária 1, 18 a 25 anos (F1), faixa etária 2, 35 a 50 anos (F2) e faixa etária 3, mais de 60 anos (F3), e, finalmente, o nível de escolaridade, sem ensino superior (SES) ou com ensino superior (ES).

geral dos dados de produção linguística<sup>3</sup> e os resultados da variável *faixa etária*, buscando relacioná-los com os valores sociais das variantes (seção 4). Antes dessa discussão, expomos nossos pressupostos teóricos (seção 2) e os procedimentos metodológicos (seção 3).

## **2 Pressupostos teóricos**

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos que podem nos ajudar a compreender melhor questões relacionadas à mudança linguística. Inicialmente, expomos os aspectos principais da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e, depois, apresentamos o que os diversos estudos sobre a alternância entre *nós* e *a gente* têm revelado, com um maior enfoque nos resultados das variáveis sociais.

### **2.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguísticas**

Em 1964, nasce uma nova corrente teórica que concebe a língua como um fenômeno social e um sistema heterogêneo: a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968 e LABOV, 1972, 1994, 2001). Para essa teoria, a grande diversidade presente no meio social reflete-se no modo de falar dos indivíduos, contribuindo para que a língua varie. Essa variação, ao contrário do que os estudos linguísticos postulavam até a década de 1960, não é caótica e nem aleatória, mas ocorre de forma ordenada, sendo motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Assim, nota-se que a língua se caracteriza pela heterogeneidade estruturada, que inclui regras tanto categóricas quanto variáveis.

Como consequência da variação, a língua, assim como a sociedade, é dinâmica e pode mudar ao longo do tempo; tal como apontam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126): “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. A fim de analisar esse aspecto, Labov, na maioria de seus estudos, descreveu e observou a língua falada em situações reais de uso. O ponto de partida para essas análises é o que ele denomina de *comunidade de fala* (LABOV, 2008 [1972]), que se define “pela participação num conjunto de normas compartilhadas” quanto a padrões e à avaliação de usos linguísticos (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

---

<sup>3</sup> No estudo mais amplo em que este se insere (PINTO, 2022), a análise incluiu as variáveis sociais *local de nascimento*, *sexo/gênero*, *escolaridade*, *faixa etária* e *relação do informante com o campo* e as variáveis linguísticas *grau de determinação do sujeito*, *concordância verbal*, *saliência fônica* e *tempo verbal*.

Para analisar dados de fala provenientes dessas situações reais de uso, o sociolinguista utilizou, em seus estudos, o método quantitativo. Essa abordagem se faz relevante, pois, como a variação linguística ocorre de forma sistemática, torna-se necessário compreender o quanto cada variável contribui para o uso de uma variante em detrimento de outra. Por meio desse método, é possível, portanto, descrever os padrões de uso de uma determinada comunidade, apreendendo quais são as variáveis internas e externas à língua que condicionam a variação. Esses *fatores condicionantes* também são importantes para analisar o processo de mudança em progresso, sendo apontados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) como um dos cinco problemas empíricos para a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas.

Segundo Labov (1994), para verificar se o fenômeno está em processo de mudança, pode-se realizar pesquisas em *tempo real* ou em *tempo aparente*. Em trabalhos em *tempo real*, o pesquisador analisa períodos distintos, podendo optar por fazer um *estudo de painel* ou um *estudo de tendências*. No primeiro caso, ele analisa dados dos mesmos informantes de uma comunidade de fala em diferentes períodos de suas vidas, enquanto, no segundo, ele analisa dados provenientes de duas amostras de fala distintas, que não incluem os mesmos indivíduos, mas cujos participantes têm perfis sociais comparáveis.

Por outro lado, em trabalhos em *tempo aparente*, o pesquisador analisa o comportamento linguístico dos falantes de diferentes faixas etárias em um único período de tempo. Caso a variante inovadora seja menos frequente na fala dos mais velhos e, na fala dos jovens, a frequência de uso dessa forma aumente, configura-se uma situação de *mudança em progresso*. No entanto, se o fenômeno estiver em *variação estável*, os jovens e os mais velhos podem apresentar o mesmo comportamento linguístico, diferenciando-se apenas da população de meia idade; ou pode não haver diferença significativa entre as três faixas etárias.

Independentemente do método escolhido na análise do fenômeno, é preciso estar ciente de que “a interpretação dos dados em termos de mudança linguística depende da inteira estrutura sociolinguística, e não simplesmente da distribuição no tempo aparente ou real” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 116). Por isso, é importante também que o pesquisador se atente aos cinco problemas empíricos para a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas postulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

Sob essa ótica, além dos *fatores condicionantes*, os autores dissertam sobre a necessidade de investigar o problema da *transição*, que consiste na definição e na análise do percurso através do qual uma mudança se efetiva na língua. Analisando esse percurso, eles notam que, geralmente, há uma distribuição contínua e gradual dos usos através de diferentes

faixas etárias. Outrossim, é necessário visualizar as mudanças linguísticas estudadas como encaixadas nas estruturas linguística e social, cabendo ao pesquisador descobrir como e em que medida elas se relacionam — o que corresponde ao problema do *encaixamento*.

Outro problema postulado pelos sociolinguistas é o da *avaliação*, em que se deve estabelecer empiricamente o nível de consciência social dos falantes em relação às formas em variação e mudança. Isso se faz necessário porque a maneira como os falantes avaliam tais formas pode interferir no processo de mudança linguística. Nesse sentido, os autores pontuam que “correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento” (WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006 [1968], p. 124). Por último, eles falam sobre a relevância de investigar não só a que fatores sociais e estruturais se pode atribuir a atuação da mudança linguística, mas também por que ela ocorre em determinados contextos e lugares e não em outros. É preciso, então, estudar as causas e os efeitos desse processo — o que caracteriza o problema da *implementação*.

Considerando essas discussões, analisamos, por meio de um estudo em *tempo aparente*, quais são os fatores que condicionam a variação na expressão da 1ª pessoa do plural em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG. Ademais, investigamos de que modo ela está encaixada nas estruturas linguística e social, como os moradores dessas cidades avaliam as formas envolvidas nesse processo e se é possível identificar uma situação de mudança em progresso. Sendo assim, neste trabalho, exploramos quatro dos cinco problemas apresentados: *fatores condicionantes, encaixamento, avaliação e transição*.

## **2.2 A alternância entre *nós* e *a gente***

Visto que são muitos os estudos que já abordaram a variação na expressão da 1ª pessoa do plural no português brasileiro, trouxemos uma síntese dos principais índices de *a gente* em diferentes regiões do país. Baseando-nos neles, discutiremos o papel das variáveis sociais no fenômeno em questão, condensando as conclusões dos trabalhos apresentados. Essa síntese pode ser observada no Quadro 1.

Quadro 1 – Síntese dos resultados gerais de estudos sociolinguísticos sobre *nós* e *a gente*

Estudos	Proporção de <i>a gente</i>
<b>Omena (1986):</b> Falantes não cultos do Rio de Janeiro-RJ	73%
<b>Lopes (1993):</b> Falantes cultos de Salvador-BA, Porto Alegre-RS e Rio de Janeiro-RJ (Projeto NURC – década de 1970)	37 % (Salvador) 28% (Porto Alegre) 59 % (Rio de Janeiro)
<b>Seara (2000):</b> Florianópolis-SC	72%
<b>Maia (2003):</b> Pombal, área rural de Mariana-MG, e Belo Horizonte-MG	36% (Pombal) 70% (Belo Horizonte)
<b>Zilles (2005):</b> Estudos em tempo aparente e em tempo real em Porto Alegre-RS, comparando as décadas de 1970 e 1990	69% (tempo aparente)
<b>Mendes (2007):</b> Português popular de Santo Antônio de Jesus-BA	93%
<b>Mendonça (2010):</b> Vitória-ES	70,8%
<b>Tamanine (2010):</b> Curitiba-PR	54%
<b>Rubio (2012):</b> Região de São José do Rio Preto – SP	73,8%
<b>Mattos (2013):</b> Diversos municípios de Goiás	77%
<b>Foeger (2014):</b> Área rural de Santa Leopoldina-ES	53,9%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerando esses índices, percebe-se que a variante *a gente* está amplamente difundida na maior parte das regiões como uma das estratégias para representar a 1ª pessoa do plural. Para investigar esse fenômeno, a maioria desses trabalhos analisou as seguintes variáveis sociais: sexo/gênero, escolaridade e faixa etária. Em relação ao sexo/gênero, verificou-se, em alguns estudos (LOPES, 1993; SEARA, 2000; ZILLES, 2005; MENDONÇA, 2010; TAMANINE, 2010), que as mulheres são as que mais utilizam a forma *a gente*. Já em outros trabalhos (OMENA, 1986; RUBIO, 2012), essa variável não se mostrou significativa do ponto de vista estatístico.

Quanto à escolaridade dos indivíduos, observou-se que ela também não foi significativa estatisticamente em alguns estudos, como os de Mendonça (2010) e Rubio (2012). No entanto, se compararmos as conclusões de Omena (1986) e de Lopes (1993) sobre a fala carioca, percebe-se que os falantes com um maior nível de escolaridade tendem a utilizar com maior frequência a variante *nós*. Em contrapartida, nos trabalhos de Seara (2000) e de Tamanine (2010), notou-se o contrário: à medida que o nível de escolaridade aumenta, a variante *a gente* tende a ser mais utilizada.



Por fim, no que se refere à faixa etária, na maioria dos estudos (OMENA, 1986; LOPES, 1993; SEARA, 2000; ZILLES, 2005; MENDONÇA, 2010; TAMANINE, 2010; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013), observou-se que esse fenômeno se caracteriza como uma mudança em progresso, haja vista que os jovens são os que mais utilizam *a gente*, ao passo que os mais velhos são os que mais usam *nós*. Por outro lado, em Maia (2003) e em Foeger (2014), trabalhos nos quais houve análise de comunidades rurais, não foi verificado um processo de mudança linguística.

Maia (2003), ao discutir os resultados, pontuou que há diferenças bem evidentes ligadas à distribuição geográfica das variantes: em Belo Horizonte-MG, *a gente* foi mais utilizada (70%), enquanto em Pombal-MG houve um maior uso de *nós* (64%) e, por conseguinte, um retardamento da substituição de *nós* por *a gente*. Nesse sentido, sobre o processo de implementação da mudança, a autora afirmou que “as comunidades rurais apresentam um ritmo de tempo mais lento” (MAIA, 2003, p. 53). Tal fato também foi observado por Foeger (2014), que verificou que a implementação de *a gente* em Santa Leopoldina-ES parece estar acontecendo mais lentamente do que em Vitória-ES, já que a frequência de uso de *a gente* foi de 53,9%, ao mesmo tempo que, na capital, a frequência foi de 70,8% (MENDONÇA, 2010). Diferentemente dos vitorenses, os jovens leopoldinenses são os que mais desfavorecem a variante *a gente*, sendo essa favorecida somente por aqueles que têm de 26 a 49 anos.

Logo, de uma forma geral, pode-se dizer que o processo de substituição de *nós* por *a gente* está bem avançado nas diferentes regiões do Brasil, mas há algumas diferenças em relação à localidade (VIANNA e LOPES, 2015), visto que, em áreas rurais, tal processo está ocorrendo mais lentamente do que nas grandes cidades. Nosso estudo vem dialogar com esses resultados.

### **3 Procedimentos metodológicos**

Para analisar o comportamento linguístico de Cabo Verde-MG e de Muzambinho-MG, foram selecionados 24 informantes, 12 de cada município. Essa seleção levou em consideração não só se os indivíduos eram naturais das comunidades de fala investigadas, como também se eles passaram a maior parte de suas vidas morando nesses locais. Assim sendo, há, em nossas amostras, pessoas que já viveram em outras cidades tanto do estado de Minas Gerais quanto do estado de São Paulo durante, no máximo, dois anos.

Como um dos principais objetivos deste trabalho é verificar se está ocorrendo um processo de mudança, realizamos um estudo em *tempo aparente* (LABOV, 1994). Em virtude

disso, os falantes estão distribuídos em três faixas etárias distintas e não contínuas: faixa etária 1 (18-25 anos), faixa etária 2 (35-50 anos) e faixa etária 3 (mais de 60 anos). Baseando-nos em Chambers (2002) e em sua discussão sobre os diferentes momentos de vida do ser humano e como esses são marcados por indicadores físicos, sociais e culturais, decidimos analisar faixas etárias não contínuas, a fim de observar as diferentes fases da vida desses moradores e como essas podem ser marcadas por meio do uso das variantes investigadas.

Outrossim, esses informantes estão divididos entre homens e mulheres e, também, entre aqueles que possuem ensino superior e aqueles que não possuem, para que seja possível investigar questões relacionadas ao sexo/gênero e à escolaridade. Após a seleção desses informantes, foram feitas entrevistas sociolinguísticas. Essas seguiram um roteiro de perguntas que induziram o falante a utilizar as variantes do fenômeno linguístico estudado de forma mais espontânea. Considerando o conceito de *paradoxo do observador* (LABOV, 2008 [1972]), essas perguntas também abordaram temas que fizeram com que o indivíduo monitorasse menos a sua linguagem, falando, por exemplo, sobre algum trauma pelo qual ele tivesse passado.

Além desses tópicos, perguntamos aos informantes sobre a relação que eles possuem tanto com a sua cidade natal quanto com a zona rural, de modo a investigar se e como isso se reflete no modo de falar desses indivíduos. No final do roteiro de entrevista, foi aplicado um questionário de reações subjetivas, para que pudéssemos acessar os significados sociais das variantes em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG. Apesar da formulação de perguntas explícitas não nos permitir captar as reações encobertas dos participantes em relação às formas em variação<sup>4</sup>, elas nos deram boas pistas das “associações ideológicas” feitas por eles.

De modo semelhante à primeira parte do estudo de Campbell-Kibler (2009), em que foram realizadas entrevistas abertas, dividimos o nosso questionário em momentos diferentes: em um primeiro momento, perguntamos aos informantes o que eles acham do modo de falar da sua cidade e o porquê, para verificar como eles avaliam a sua variedade linguística. Já no segundo momento, tentamos captar a percepção dos indivíduos sem que eles tivessem consciência do objeto de estudo; no terceiro, eles passaram a ter conhecimento desse objeto, para que fosse possível investigar as suas crenças.

---

<sup>4</sup> Para solucionar essa limitação metodológica, pretendemos, em estudos futuros, aplicar um experimento com base na técnica de *matched-guise* (LAMBERT et al., 1960). Nessa técnica, são criados pares de estímulos idênticos, em que o pesquisador só modifica a variável analisada; os participantes, ao escutarem essas gravações, devem descrever as características do falante, como a sua profissão e o seu local de origem.

Para isso, foram preparados três áudios que variam de 11 a 15 segundos para eles escutarem e responderem a algumas perguntas. Em cada um desses estímulos, foram produzidas duas vezes uma das variantes investigadas: áudio 1 (*nói*), áudio 2 (*a gente*) e áudio 3 (*nóis*). O pronome *nós*, mesmo presente nos dados de produção linguística, não foi inserido neste questionário, já que, como tivemos que elaborá-lo antes de realizarmos as entrevistas, baseamos apenas nos resultados de Pinto (2019), em que *nós* apresentou uma frequência muito baixa<sup>5</sup>. Nesse sentido, consideramos mais produtivo inserir no questionário somente as variantes que foram mais utilizadas pelos falantes no estudo realizado anteriormente.

Com o intuito de amenizar os efeitos de fatores externos – como a voz e o conteúdo desses áudios – na percepção dos informantes, todos os estímulos foram encenados por um mesmo falante, um homem jovem de Muzambinho-MG que sempre morou na zona urbana. Ademais, em todas as gravações, o assunto tratado foi o clima. Essa decisão metodológica está baseada nas ideias de Campbell-Kibler (2010), que propõe que uma das formas de atenuar a interferência do conteúdo na percepção é solicitar aos falantes que abordem o mesmo tópico. Além desses fatores, a concordância verbal foi controlada, ou seja, os verbos que acompanham *nói* e *nóis* estão com a desinência –mos, e aqueles que acompanham *a gente* estão na terceira pessoa do singular. O objetivo de controlar essa questão foi reduzir as chances de os informantes falarem sobre a concordância ao invés do uso das formas pronominais.

Por meio desses estímulos, começamos, então, o segundo momento do questionário. Para iniciá-lo, tocamos o áudio 1 e fizemos as seguintes perguntas: 1) Pelo modo de falar dessa pessoa, você acha que ela é de Muzambinho ou de Cabo Verde? Por quê?<sup>6</sup>; 2) Tem algo em específico que chamou a sua atenção nesse áudio? e 3) Se você precisasse descrever essa pessoa a alguém, como você a descreveria?

Após eles responderem, tocamos o áudio 2, repetindo as mesmas indagações, e assim sucessivamente. Em seguida, iniciamos o terceiro momento. Para tanto, repetimos cada um dos estímulos e fizemos as perguntas a seguir: 4) Nesse áudio, a pessoa utilizou o *nói/a gente/nóis* para se referir a ela e mais um grupo de pessoas. Você usa essa forma? Em quais situações? e 5) Você acha que as pessoas de Cabo Verde/Muzambinho usam essa forma?

---

<sup>5</sup> Em Pinto (2019), em que houve a análise da alternância entre as formas de 1ª pessoa do plural no falar de jovens dessa região, houve apenas três realizações de *nós*, que foram excluídas devido à pouca quantidade de dados.

<sup>6</sup> Essa primeira pergunta foi elaborada porque, apesar de essas cidades serem vizinhas, há diferenças entre elas que se refletem no grau de urbanização, como apontamos na Introdução: Cabo Verde-MG pode ser considerada mais rural do que Muzambinho-MG. Por meio dessa pergunta, pretendemos, então, verificar se os indivíduos possuem a percepção de que essas comunidades se diferenciam também em termos linguísticos.

Realizadas as entrevistas, elas foram transcritas, e os dados, coletados e analisados com o auxílio do programa estatístico R (R CORE TEAM, 2021). Por fim, os resultados de produção linguística obtidos nessas análises foram interpretados de acordo com as hipóteses iniciais e os significados locais das variantes, os quais foram estabelecidos a partir dos resultados do questionário de reações subjetivas.

#### **4 Resultados e discussão**

Nesta seção, fazemos, de início, um breve resumo dos resultados do questionário de reações subjetivas. Após estabelecermos os significados sociais das variantes em cada uma das comunidades investigadas, apresentamos e interpretamos os resultados de produção linguística, mais especificamente, a distribuição geral dos dados e a análise da variável *faixa etária*.

##### **4.1 Os significados sociais das variantes**

Foi possível observar que *nói*, *nóis* e *a gente* não são formas marcadas socialmente, visto que não foram alvo de metacomentários no segundo momento do questionário. Sendo assim, pode-se dizer que elas estão abaixo do nível de consciência dos indivíduos, não podendo ser consideradas, portanto, estereótipos<sup>7</sup> (LABOV, 2008 [1972]). Além disso, percebeu-se, por meio dos adjetivos usados para descrever o falante de cada um dos estímulos, que as variantes *nói* e *a gente* são percebidas de maneira oposta em ambas as cidades, indiciando diversos significados sociais que se contrapõem.

Dentre eles, um dos que mais nos chamou a atenção foi a questão da maturidade do falante. Considerando o que a literatura tem mostrado sobre a variante *a gente* (OMENA, 1986; LOPES, 1993; MENDONÇA, 2010; RUBIO, 2012), poderíamos esperar que essa forma fosse mais associada ao falar de jovens, já que é apontada pelos estudos como a forma inovadora. Todavia, ela foi vinculada ao falar de pessoas “mais responsáveis” e “maduras”, se contrapondo à variante *nói*, que foi associada ao falar de pessoas “moleconas” e “sem responsabilidades”, segundo os entrevistados.

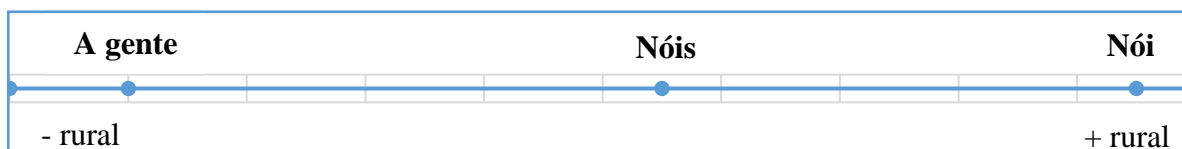
---

<sup>7</sup> Labov (2008 [1972]) propôs os conceitos de *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos* com base no nível de consciência dos indivíduos acerca das formas linguísticas em variação e mudança. Para esse autor, os *estereótipos* se diferenciam dos demais por serem formas socialmente marcadas, sendo alvos de metacomentários avaliativos.

Outra questão que se destacou foi a ruralidade. Enquanto o falante do primeiro áudio, que utilizou *nói*, foi caracterizado com vários adjetivos que construíam a imagem do caipira estereotipado (“rural”, “caipira”, “pouco estudado”, “informal”, “simples”, “humilde”, “relaxado” e “deselegante”), o falante do segundo áudio, que usou *a gente*, foi descrito com diversos termos que formavam a imagem de um morador de uma cidade maior e mais urbanizada (“escolarizado”, “formal”, “culto”, “classe social alta”, “condomínio fechado”, “fino” e “sofisticado”). No terceiro momento do questionário, quando os participantes fizeram as suas ressalvas e comentários em relação ao uso de tais formas, essas associações de *nói* com o meio rural e de *a gente* com o meio urbano também foram evidenciadas.

No que se refere à variante *nóis*, foi possível perceber que essa não se opõe, de forma clara, às outras formas pronominais. De um modo geral, ela também parece estar vinculada aos traços [+ rural] e [- urbano], porém, diferentemente de *nói*, os adjetivos usados para caracterizar o falante do terceiro áudio não construíam a imagem do caipira estereotipado, dado que esses foram mais genéricos (“rural”, “caipira”, “informal” e “simples”). Assim, pode-se dizer que a variante *nóis* está menos ligada ao campo do que *nói*, mas mais ligada a esse espaço do que *a gente*, como pode ser observado no *continuum* de ruralidade proposto na Figura 1:

Figura 1 - *Continuum* de ruralidade



Fonte: Elaborado pelos autores.

Além desses significados sociais, essas formas parecem estar vinculadas a valores positivos e negativos nessas cidades. Levando em consideração que a variante *a gente* está sendo associada ao falar de pessoas de “classes sociais mais altas”, “com um maior nível de escolaridade” e “sofisticadas”, podemos pensar que essa é mais prestigiada do que as variantes fonológicas de *nós*. Entretanto, tal forma aparenta ter menos prestígio do que *nós*, pois, mesmo que essa não tenha sido incluída no questionário, ela foi mencionada diversas vezes pelos participantes como uma variante “mais correta”, que está restrita a certos grupos sociais, como os professores. Esse posicionamento pode ser verificado nos seguintes excertos:

4) As amigas da minha mãe falam bem mais correto/ usam só **nós**/ ainda mais que elas são tudo professora, né?! (MZ, F, F2, SES)

5) Aqui em Cabo Verde/ só professora fala **nós**/ o resto tudo fala **nóis** memo (CV, M, F1, SES)

Quanto às variantes fonológicas, notou-se que *nói* é pouco prestigiada nessa região, uma vez que é vinculada ao falar de pessoas “pouco estudadas”, “deselegantes” e “relaxadas”, adjetivos que se contrapõem aos que foram utilizados para descrever o falante que usou *a gente*. Já a forma *nóis* parece ser um pouco mais prestigiada do que *nói*, visto que não é associada a tais traços negativos e é bem aceita pelos moradores dessas cidades. Contudo, ela tem menos prestígio do que *a gente* e *nós*, posto que também não é ligada a valores positivos. Baseando-se nessas discussões, essas quatro formas foram organizadas em um *continuum* de prestígio social, para que os seus valores relativos ficassem mais claros, como pode ser visto na Figura 2:

Figura 2 - *Continuum* de prestígio social



Fonte: Elaborado pelos autores.

No terceiro momento do questionário, em que os indivíduos comentam explicitamente sobre o uso das variantes analisadas, observou-se que a maioria deles aponta que utiliza essas três formas e que elas também estão presentes na variedade linguística de suas cidades natais. A principal ressalva feita pelos participantes em relação a esse uso foi sobre o grau de formalidade dos pronomes, pois eles pontuaram que *a gente* é mais usada em situações formais, com pessoas com as quais eles não possuem tanta intimidade, ao passo que *nói* e *nóis* são mais usadas em ocasiões informais, com pessoas mais íntimas.

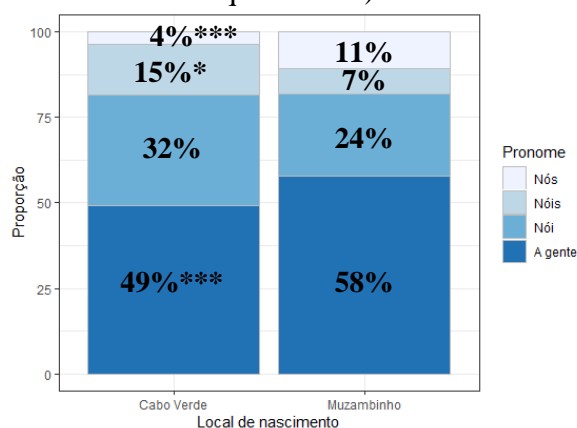
Com base nesses resultados, nota-se que foi possível estabelecer os diversos significados sociais das variantes nas comunidades analisadas, o que nos permitiu verificar que elas se diferenciam de outras que investigaram o mesmo fenômeno, apresentadas na subseção 2.2. Logo, percebe-se que Cabo Verde-MG e Muzambinho-MG têm suas próprias tendências, e identificar quais são elas pode nos ajudar a entender os padrões de uso dessas cidades.

## 4.2 Produção linguística

De início, é necessário destacar que obtivemos, no total, 697 ocorrências do fenômeno linguístico analisado neste trabalho, sendo 322 ocorrências de *nós* (46%) e 375 ocorrências de *a gente* (54%). A partir desses números, percebe-se que a variante *a gente* é mais utilizada nessas comunidades do que a variante *nós*, assim como ocorre na maioria das regiões do país (OMENA, 1996; LOPES, 1993, 2003; SEARA, 2000; MENDES, 2007; MENDONÇA, 2010; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013). Contudo, ao contrário do que os estudos sobre esse fenômeno têm mostrado (cf. Quadro 1), nota-se que a diferença entre as proporções das variantes não é acentuada. A explicação para esse contraste em relação ao que relata a literatura está ligada ao conjunto de variantes presentes nas duas comunidades. Quando consideramos os resultados para cada uma delas, começam a emergir tendências de uso, que ficam mais evidenciadas ao analisarmos as quatro variantes, como se vê no Gráfico 1 abaixo.

Antes de apresentar e discutir os resultados, cabe esclarecer que, a fim de verificar se as variáveis são estatisticamente significativas, realizamos um teste de qui-quadrado entre as linhas da tabela. Os resultados desse teste estarão reportados nos próprios gráficos por meio de asteriscos, os quais estarão ao lado dos percentuais das variantes e serão sempre colocados em relação à coluna da direita. Para compreendê-los, é necessário ter em mente que: sem asteriscos  $p > 0,05$ ; \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; e \*\*\*  $p < 0,001$ .

Gráfico 1- Proporção do uso dos pronomes segundo o local de nascimento (variável quaternária)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Por meio deste gráfico, percebe-se que, embora *a gente* seja a forma mais utilizada em ambas as cidades, em Cabo Verde-MG, há um menor uso dessa variante (49%) do que em

Muzambinho-MG (58%), uma diferença que é estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ). Retomando os resultados do questionário de reações subjetivas, verifica-se que a variante *a gente* indicia, nessas comunidades, uma gama de significados sociais que estão ligados à ideia de urbanização. Levando isso em consideração, pode-se pensar que os habitantes de Muzambinho-MG, por se identificarem mais com aspectos urbanos do que os cabo-verdenses, como pôde ser verificado durante as entrevistas, tendem a utilizar *a gente* com maior frequência.

Ademais, nota-se que, dentre as variantes fonológicas de nós, *nói* é a forma mais usada, tanto em Cabo Verde-MG (32%) quanto em Muzambinho-MG (24%). Como tal forma está associada a traços [+ rurais] e [- urbanos] nessa região, ela seria usada com maior frequência pelos moradores justamente porque eles se identificam mais com esses aspectos. Até os muzambinhenses, que se consideram menos rurais do que os cabo-verdenses, descreveram a sua variedade linguística com adjetivos que remetem a tais traços, como “rural” e “simples”. Sob essa perspectiva, verifica-se que o uso de *nói* pode ser, mesmo que inconscientemente, uma marca de regionalidade dessas comunidades, indiciando, entre outros significados, ruralidade.

Ainda que haja semelhanças entre as cidades em questão, nota-se que há uma diferença entre elas no que se refere à segunda variante fonológica mais utilizada. Em Cabo Verde-MG, os indivíduos usam mais *nóis* (15%), ao passo que, em Muzambinho-MG, eles usam mais *nós* (11%), padrões de uso que são estatisticamente significativos ( $p < 0,05$  e  $p < 0,001$ , respectivamente). Tal fato pode se dever às diferenças entre esses municípios: os cabo-verdenses, que acreditam que estão mais vinculados ao campo, usam mais as variantes que apontam para significados rurais, como a forma *nóis*, que, assim como *nói*, indicia traços [+ rurais] e [- urbanos]. Em contrapartida, os muzambinhenses, apesar de também terem um vínculo com o campo, se consideram menos rurais e utilizam formas que se afastam um pouco desses traços, como *nós*, que parece estar restrita ao falar de certos grupos com maior domínio da norma padrão.

Em relação à *faixa etária*, partimos da hipótese geral de que esteja ocorrendo uma mudança na expressão da 1ª pessoa do plural, visto que, na maioria das regiões brasileiras, os jovens estão utilizando mais a variante *a gente*, enquanto os mais velhos usam mais *nós* (OMENA, 1986; LOPES, 1993, 2003; RUBIO, 2012; VIANNA e LOPES, 2015). A fim de analisar se isso ocorre também em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG, onde outros valores sociais são atribuídos às formas, investigamos essa variável.

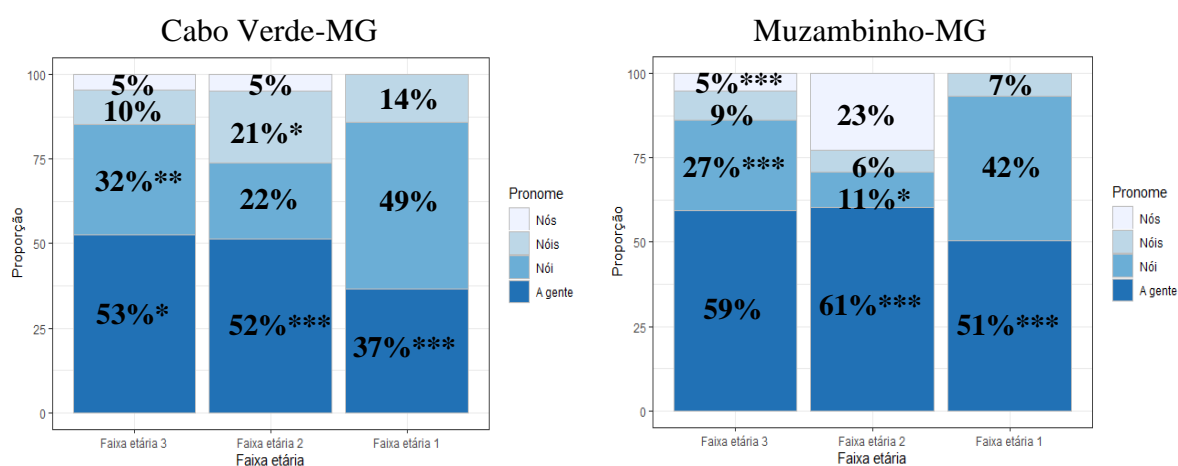
Na primeira análise, em que contrapomos as variantes *nós* e *a gente*, observamos que os jovens (18 a 25 anos) são aqueles que têm os índices mais altos de *nós* (63%, em Cabo Verde-



MG e 50% em Muzambinho-MG). Já os adultos (35 a 55 anos) e os idosos (mais de 60 anos) cabo-verdenses usaram de forma equilibrada as duas variantes, e os muzambinhenses utilizaram mais *a gente*: 61% dos adultos e 59% dos idosos. Assim sendo, percebe-se que tais resultados vão no sentido oposto ao que foi hipotetizado inicialmente.

Com base nos resultados obtidos em Autor (2019), em que a proporção de uso de *nói* por jovens dessa região foi muito expressiva, vê-se que é necessário levar em conta como se distribuem as quatro formas pronominais segundo a faixa etária dos falantes para entendermos melhor esses índices (cf. Gráfico 2):

Gráfico 2- Proporção do uso dos pronomes segundo a faixa etária (variável quaternária)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em Cabo Verde-MG, nota-se que a variante mais utilizada pelos jovens (faixa etária 1-18-25 anos) foi *nói* (49%), ao passo que a variante *nós* não foi utilizada por esses falantes, estando presente apenas na fala de indivíduos da faixa etária 2 (35-50 anos) e 3 (mais de 60 anos) (5%). Conforme foi visto nos resultados do questionário de reações subjetivas, a forma *nói* está associada ao falar de pessoas “moleconas” e “sem responsabilidades”, contrapondo-se à variante *a gente*, visto que essa última está vinculada ao uso de pessoas mais “maduras” e “responsáveis”. Vemos, então, uma correspondência entre a percepção que os falantes têm das formas e o que revelam os resultados de produção: os jovens desse município estão usando mais *nói* do que *a gente*. Quanto à forma *nós*, vemos que ela não está muito presente no falar desses indivíduos, já que parece estar mais restrita ao uso de certos grupos de outras faixas etárias.

Outro fato que pode ser observado é que os adultos cabo-verdenses (faixa etária 2- 35 a 50 anos) foram os que menos utilizaram a variante *nói* (23%) e os que mais utilizaram a variante

*nóis* (21%), resultado esse com significância estatística ( $p < 0,05$ ). Para interpretá-lo, analisamos os perfis sociais desses falantes e notamos que todos eles estão inseridos no mercado de trabalho. Nesse sentido, devido às pressões sociais presentes nesse meio, pode-se pensar que os indivíduos dessa faixa etária evitam utilizar a forma *nói*, buscando substituí-la por *nóis*, já que essa parece ser relativamente mais prestigiada do que aquela, como se expôs no *continuum de prestígio social* proposto na subseção 4.1.

Em Muzambinho-MG, observamos que também são os jovens os que mais utilizam a variante *nói* (42%); do mesmo modo, constatamos não haver ocorrências de *nós* na fala dessa faixa etária, assim como aconteceu em Cabo Verde-MG. Podemos seguir aqui a mesma linha de interpretação já aplicada aos resultados anteriores: existiria uma avaliação positiva dos jovens em relação à forma *nói*. Considerando que essa pode ser uma marca de regionalidade que indicia ruralidade, os jovens, ao usarem mais essa variante, parecem, inconscientemente, reafirmar os traços rurais presentes em seus locais de origem. Parece possível pensar em um cenário de *prestígio encoberto* (TRUDGILL, 1972), no sentido de que se observa uma tendência de uso localmente situada e um modo de falar valorizado dentro de um subgrupo (BAGNO, 2017).

Em contrapartida, *nós* foi a variante fonológica mais utilizada pelos indivíduos da faixa etária 2 (35-50 anos) (23%). Todos os entrevistados dessa faixa trabalham fora de casa, estando mais sujeitos às pressões normativas do que os outros falantes; esse perfil poderia explicar a utilização da forma que possui maior prestígio social nessa região. Inversamente, essas pressões também podem estar na base do baixo uso da variante *nói* (11%): por ser a forma menos prestigiada localmente, tenderia a ser a mais evitada por esses indivíduos. Da mesma maneira que os adultos (faixa etária 2 – 35-50 anos), percebe-se que os idosos (faixa etária 3 – mais de 60 anos) de Muzambinho-MG também utilizaram a variante *nós* (5%); porém, diferentemente dos indivíduos da faixa etária 2, a variante fonológica mais utilizada pelos mais velhos foi *nói* (27%). Constatamos, assim, uma diferença nítida de comportamento dos adultos (35-50 anos) em relação aos outros dois grupos etários, diferença que se reflete estatisticamente, como revelam os índices de significância assinalados no gráfico.

A partir desses resultados, nota-se que, em ambas as cidades, não está ocorrendo uma mudança linguística em favor da implementação de *a gente*. Aventamos duas possibilidades de interpretação: (i) estaria acontecendo um processo de mudança, mas em direção oposta à tendência geral, já que os falantes jovens estão usando mais *nói* e menos *a gente* do que os mais velhos, possivelmente como uma forma de marcarem a sua identidade local; (ii) esse fenômeno

estaria em variação estável nas comunidades, configurando-se como um caso de gradação etária ligado ao mercado de trabalho. Os jovens, ao começarem a trabalhar, passam a usar *nói* com menor frequência, visto que ela é a forma que mais se afasta do polo de maior prestígio social. No entanto, é importante ressaltar que, para comprovar se, de fato, trata-se de uma mudança ou variação estável, seria necessário realizar um estudo em tempo real nessas comunidades.

## 5 Considerações finais

Considerando o estudo da variação *nós/a gente*, perguntamo-nos se o processo linguístico acompanharia aquele já descrito em grandes centros urbanos, que aponta para uma mudança em progresso em favor da implementação de *a gente*. Nossa hipótese se direcionou para a identificação de um quadro distinto de variação, apoiando-se na possibilidade de correlações com um cenário social específico, marcado por traços rurais.

O que constatamos, de fato, é que a mudança em direção à variante *a gente* não está ocorrendo em Cabo Verde-MG e em Muzambinho-MG do mesmo modo como se observa em centros urbanos. Podemos conceber que nossos resultados corroboram o que Maia (2003) e Foeger (2014) concluíram em seus estudos em Pombal, zona rural de Mariana-MG, e na área rural de Santa Leopoldina-ES, respectivamente: em lugares menos urbanizados, há um uso menos frequente de *a gente*. Para entender por que isso acontece, bem como os padrões de uso identificados nas comunidades investigadas, acessamos e analisamos os significados sociais vinculados localmente às variantes *a gente*, *nós*, *nóis* e *nói*.

Nosso estudo mostrou que *nós* é a variante associada à norma-padrão, aquela que se acredita ser usada mais por professores; *nóis* é percebida como própria da comunidade, sobretudo em contextos menos formais, embora não tenha apresentado frequências tão expressivas no *corpus*. Por outro lado, *nói* é, das variantes fonológicas de *nós*, a mais produtiva e a verdadeira concorrente de *a gente*, estando mais presente na fala dos jovens e sendo avaliada como uma marca de regionalidade. Nesse cenário, *a gente* emerge como a variante mais próxima do universo urbano e, desse modo, é vista como mais adequada em contextos mais formais, em situações de interação que envolvem menor intimidade entre os interlocutores.

Os resultados de produção em correlação com os significados sociais das variantes sugerem duas possíveis situações: (i) uma mudança em progresso, mas em sentido oposto àquele da tendência geral no português brasileiro, com o incremento da variante *nói*; ou (ii) uma situação de variação estável, que poderia ser caracterizada como de gradação etária,

considerando que os falantes da faixa etária adulta, ao contrário dos jovens, buscam as formas de mais prestígio normativo, as quais estão presentes também na fala dos idosos, mas em uma frequência menor.

Se algumas dessas interpretações estão ainda no terreno das hipóteses, demandando estudos em tempo real e de percepção, fica inequivocamente confirmada a importância e a necessidade de analisar a fala de comunidades menos urbanizadas, na medida em que esse caminho nos levará a uma compreensão mais completa da dinâmica dos processos de variação e mudança que caracterizam o português brasileiro, assim como de investigar os significados sociais atrelados às variantes, que podem lançar luz sobre as mudanças que ocorrem em localidades específicas.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. *O Dialeto caipira: gramática e vocabulário*. São Paulo: HUCITEC-SCET-CEC, 1976 [1920].

BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. The nature of sociolinguistic perception. In: *Language Variation and Change*, v. 21, n. 1, p. 135-56, abr. 2009.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. Sociolinguistics and perception. In: *Language and Linguistics Compass*, vol. 4, ed. 6., p. 377-389, jun. 2010.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Edusp, 2017.

CARVALHO, Adilson de. *A Freguesia de Nossa Senhora da Assumpção do Cabo Verde e sua história*. Cabo Verde: Edição do autor, 1998.

CHAMBERS, J. K. Patterns of variation including change. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie (Org.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden/Oxford: Blackwell, 2002. p. 349-372.

DIAS, Victor Hugo Scanavachi. *Variação semântico-lexical de atividades agropastoris em área fronteiriça entre São Paulo e Minas Gerais*. 2021. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2021.

FOEGER, Camila Candeias. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. In: *D.E.L.T.A.*, v. 4, n. 32, p. 889-917, mar. 2017.

HORA, Dermeval da; AQUINO, Maria de Fátima de Souza. Da fala para a leitura: análise variacionista. In: *ALFA: Revista de Linguística*, vol. 56, n. 3, dez. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: *Cidades*. Disponível em: <http://mapasinterativos.ibge.gov.br/sigibge>. Acesso em: 13 jul. de 2017.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 2: Social Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

LAMBERT, Wallace et al. Evaluational reactions to spoken languages. In: *The Journal of Abnormal and Social Psychology, American Psychological Association*, v. 60, n. 1, 1960.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Rio de Janeiro. 1993. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2003.

MAIA, Francisca Paula Soares. *A variação “nós”/ “a gente” no dialeto mineiro: investigando a transição*. 2003. 166 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDES, Rute Paranhos Silva. *O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus: um recorte no português popular do interior da Bahia*. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. *Nós e a gente em Vitória: uma análise*

sociolinguística da fala capixaba. Vitória. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

OMENA, Nelize Pires de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, Anthony Julius et al. *Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. p. 286-319.

PICINATO, Pricila Balan. *Diga-me como falas e eu direi quem és: um estudo Sociolinguístico da fala “caipira” na cidade de Sales Oliveira-SP*. 2018. 331 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018.

PINTO, Leticia Gaspar. *A gente vai, nós vamo, nós vai: Variação Pronominal e Identidade na região de Muzambinho-MG*. 50 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Curso de Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2019.

PINTO, Letícia Gaspar. *O que que nós vai fazê cuiisso? Um estudo sobre alternância pronominal e significados sociais em Muzambinho-MG e em Cabo Verde-MG*. 160 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2022.

R CORE TEAM (2021). R: A language and environment for statistical computing. In: *R Foundation for Statistical Computing*, Viena, Áustria, 2018. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

RUBIO, Cássio Florêncio. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. 393 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012.

SEARA, Izabel Christine. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. In: *ORGANON* (UFRGS), Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 179-194, 2000.

TAMANINE, Andrea Maristela Bauer. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal NÓS/ A GENTE e a gramaticalização de A GENTE na cidade de Curitiba-PR*. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TRUDGILL, Peter. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. In: *Language in society*, v. 1, p. 179-196, out. 1972.

VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos Pronomes "NÓS" e "A GENTE". In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-132.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZILLES, Ana Maria Stahl. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. In: *Language Variation and Change*, v. 17, n. 1, p. 19-53, fev. 2005.

Artigo submetido em: 25 fev. 2022

Aceito para publicação em: 8 maio 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122628>